

A luz de um “portugal futuro”

Lucas Pessin¹

Resumo: Este artigo apresenta a leitura de dois poemas de Ruy Belo, respectivamente, “Portugal sacro-profano: lugar onde” e “O portugal futuro”, ambos pertencentes ao livro *Homem de Palavra[s]* (1969) e à antologia *País Possível* (1973). Procuramos ver duas faces de Portugal presentes na obra de Ruy Belo: a da escuridão, caracterizada pelas consequências do salazarismo e pelos fatos da história; e a da luz, do sonho, na qual a felicidade será encontrada e um futuro renovado, longe das tragédias que tanto afligem o poeta. Veremos, por fim, a edificação de um país dos sonhos pela poesia, “aonde o puro pássaro é possível”.

Palavras-chave: Ruy Belo; Portugal; luz; história

Abstract: This paper presents a reading of two poems by Ruy Belo, respectively “Sacral-profane Portugal: the place where” and “The future portugal”, both belonging to the book *Man of Word[s]* (1969) and to the anthology *Possible Country* (1973). We seek to perceive

¹ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas (Literaturas Portuguesa e Africanas) na Universidade Federal do Rio de Janeiro, encontrando-se a realizar uma investigação sobre o romance *Alexandra Alpha*, de José Cardoso Pires, com bolsa de pesquisa CAPES. Licenciado em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro com monografia intitulada “*Portugal fica em frente*”: Ruy Belo em busca de um novo dia. E-mail: lucaspereirapessin1@gmail.com

Master’s student in the Graduate Program in Vernacular Letters (Portuguese and African Literatures) at the Federal University of Rio de Janeiro, conducting research on the novel *Alexandra Alpha*, by José Cardoso Pires, with a CAPES research scholarship. Majored in Portuguese and Portuguese Language Literature at the Federal University of Rio de Janeiro, with an undergraduate thesis entitled “*Portugal fica em frente*: Ruy Belo em busca de um novo dia”. E-mail: lucaspereirapessin1@gmail.com

two sides of Portugal present in Ruy Belo's work: the darkness, characterized by the consequences of Salazarism and by history facts; and the light, the dream, in which happiness will be found and a future renewed, away from tragedies that afflict the poet so much. We will analyze, in the end, the edification of a country through dreams of poetry, “where the pure bird is possible”.

Keywords: Ruy Belo; Portugal; light; history

Introdução

Este texto é oriundo de uma investigação desenvolvida por mim nos últimos dois anos da minha graduação em Letras: Português e Literaturas de Língua Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro, entre 2020 e 2021, que resultou na minha monografia de conclusão de curso intitulada “*Portugal fica em frente*”: *Ruy Belo em busca de um novo dia*, orientada pela Professora Doutora Sofia de Sousa Silva. Nela, a partir de uma leitura do verso que dá título à minha monografia, presente no poema “Sexta-feira sol dourado”, de *Homem de Palavra[s]* e de *País Possível*, realizei uma leitura que tinha por objetivo apresentar a busca de Ruy Belo por um dia diferente, longe das sombras do regime salazarista, isto é, o movimento que o poeta faz em sua poesia a fim de chegar a um “Portugal dos sonhos” que, nas suas próprias palavras, “fica em frente”.

Durante a realização da pesquisa, direcionei meu olhar, especialmente, para a antologia *País Possível*, de 1973, e seus poemas que “obedecem a esta tônica da atenção moral e denúncia política, em poesia, face à ordenação fascista do cotidiano” (Magalhães 1981, 152). Com isso, selecionei e analisei quatro poemas, três pertencentes a essa antologia, são eles: “Desencanto dos dias”, de *Aquele Grande Rio Eufrates* (1961), “Portugal sacro-profano: Lugar onde”, “Morte ao meio-dia” e, por fim, “O português futuro”. Neste artigo, trago, respectivamente, as leituras de “Portugal sacro-profano: lugar onde” e “O português futuro” para que vejamos duas faces de Portugal que aqui se apresentam, a da escuridão e a da claridade. Ademais, ao longo destas reflexões, mostrarei a importância que o país tem na poesia de Ruy Belo, indo ao encontro do que diz Manuel Gusmão: “o leitor de Ruy Belo sabe a seu modo a importância da «terra» ou da «pertença à terra» na sua poesia” (Gusmão 2010, 464).

Em “Lugar onde”, norteados pelos fatos históricos, veremos a presença de sentimentos muito negativos em relação ao tempo presente e ao estado de abandono em que o país se encontra. É importante ressaltar que Ruy Belo escreveu durante a ditadura do Estado Novo, regime político que emergiu em Portugal nos anos 30 e só terminou com a Revolução dos Cravos em abril de 1974. Na escuridão que trazem os versos, encontramos o deplorável cotidiano vivenciado pelos portugueses, fato que sustenta a condição de desistente assumida pelo poeta. Nesse poema, aborda-se temas como censura, emigração, abandono e morte. Nele, é sobretudo a alienação promovida pelo regime que ocupa uma posição de destaque.

A indignação com o seu presente faz com que Ruy Belo busque nos limites de sua poesia um Portugal dos sonhos, um país de claridade. Assim é que a última parte do trabalho se volta para a análise de “O Portugal futuro” e para o modo como o poema apresenta a construção de um lugar “aonde o puro pássaro é possível” pela imaginação da criança, através da pureza e da fragilidade de um desenho infantil.

As sombras de um país desencantado

PORTUGAL SACRO-PROFANO

lugar onde

Neste país sem olhos e sem boca

hábito dos rios castanheiros costumados

país palavra húmida e translúcida

palavra tensa e densa com certa espessura

(pátria de palavra apenas tem a superfície)

os comboios são mansos têm dorsos alvos
engolem povoados limpamente
tiram gente de aqui e põem-na ali
retalham os campos congregam-se
dividem-se nas várias direcções
e os homens dão-lhes boas digestões;
cordeiros de metal ou talvez grilos
que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?
Neste país do espaço raso do silêncio e solidão
solidão da vidraça solidão da chuva
país natal dos barcos e do mar
do preto como cor profissional
dos templos onde a devoção se multiplica em luzes
do natal que há no mar da póvoa do varzim
país do sino objecto inútil
única coisa a mais sobre estes dias
Aqui é que eu coisa feita de dias única razão
vou polindo o poema sensação de segurança
com a saúde de um grito ao sol
combalido tiritito imito a dor
de se poder estar só e haver casas

cuidados mastigados coisas sérias
o bafo sobre o aço como o vento na água
País poema homem
matéria para mais esquecimento
do fundo deste dia solitário e triste
após as sucessivas quebras de calor
antes da morte pequenina celular e muito pessoal
natural como descer da camioneta ao fim da rua
neste país sem olhos e sem boca

(Belo 2014a, 25-26)

O “lugar onde” delimita o espaço em que o indivíduo se encontra, um “país sem olhos e sem boca”, imerso numa grande escuridão. O verso que inicia e que finaliza o poema nos apresenta a situação alienante: sem olhos para ver, sem boca para falar, mas com ouvidos para ouvir. Um dado importante sobre o Estado Novo é a relevância da rádio para a prática doutrinária, pois era por esse meio que o poder visava construir uma unicidade na consciência da nação, o que significa que a rádio assumia um papel de reeducação dos portugueses (Rosas 2008, 31) por ser um instrumento de longo alcance da propaganda salazarista. Atribuía-se à rádio, então, a função de objeto mediador entre o “homem novo²” e a produção cultural portuguesa, pois as atrações tinham um caráter informativo e, sobretudo, cívico.

² Entende-se por “homem novo” o português submetido ao processo de reeducação proposto pela ditadura, isto é, ao projeto de alienação social que prezava pela orientação ideológica dos portugueses e pela unicidade

Ressaltamos que tudo isto era possibilitado por órgãos do Estado, como o Secretariado de Propaganda Nacional, que posteriormente foi renomeado como Secretariado Nacional de Informação, Cultura Popular e Turismo. Logo o rádio assumiu a posição de principal veículo para a doutrinação estadonovista, com foco para a Emissora Nacional, instrumento de radiodifusão própria do salazarismo. Ouvir era fundamental em Portugal, um país com ouvidos, pois era explorando esse sentido que o Estado Novo promovia a manipulação da informação, da sociedade e da mentalidade dos portugueses. Referimos a situação alienante de um país que, submetido à perseguição política, é incapaz de enxergar a realidade (“sem olhos”) e de criticar o próprio país (“sem boca”). Como explicita Rosas:

E o regime assim fará, a partir de 1933, com a criação do SPN, mas sobretudo desde meados dessa década, montando e orientando um vasto e diversificado sistema de propaganda e inculcação ideológica autoritária e monolítica, assente no Estado e desdobrando-se diversamente sobre o quotidiano das pessoas, na família, nas escolas, no trabalho ou nas «horas livres». Foram quatro os pilares principais desse dispositivo policêntrico e multifacetado. Dois deles integravam aquilo a que poderemos chamar o sistema de enunciação, isto é, de organização, padronização e divulgação da informação seleccionada, mas também das crenças, dos valores, da cultura, dos artefactos do «espírito» em geral: antes do mais o SPN, o centro unificador do discurso ideológico para o conjunto do dispositivo, directamente dependente da Presidência do Conselho; mas com função idêntica no campo específico da fixação e difusão da ideologia colonial, tanto na Metrópole como nas colónias do «Império», encontramos a Agência Geral das Colónias, organismo do Ministério das Colónias (de que aqui não trataremos) (Rosas 2008, 38).

política em Portugal (Rosas 2008, 31). Por assim dizer, o “homem novo” segue à risca os valores morais amplamente difundidos pelos veículos de informação e propaganda.

A partir desse norteamento pelos fatos históricos, o verso “neste país sem olhos e sem boca” é posto no início e no fim do poema para ratificar que tudo o que ali se revela ocorre dentro desse país. Em Ruy Belo, a diferença se encontra na carga ideológica que tais palavras apresentam: a palavra ‘país’ é mais adequada por não ter uma direta assimilação ao nacionalismo em comparação às palavras ‘pátria’ e ‘nação’. Ruy Belo ainda retoma essa contraposição no prefácio de *Homem de palavra[s]*, dizendo:

Por isso eu contraponho à palavra «pátria», que reputo arrogante, a evocar bandeiras desfraldadas e desfiles militares, quando em Portugal ainda não havia nada (estou, como é óbvio, a parafrasear um verso meu: «No meu país não acontece nada», do poema «Morte ao meio-dia», incluído em *Boca Bilíngue*) e hoje volta a parecer não acontecer nada, contraponho — dizia eu — à palavra «pátria» a palavra «país», humilde e discreta (Belo 1978, 17).

Retomando a leitura do poema “Lugar onde”, lemos:

os comboios são mansos têm dorsos alvos
engolem povoados limpamente
tiram gente de aqui e põem-na ali
retalham os campos congregam-se
dividem-se nas várias direcções
e os homens dão-lhes boas digestões;
cordeiros de metal ou talvez grilos
que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?

Esses versos referem metonimicamente outra grave consequência do regime: o abandono da terra, essencialmente pelos portugueses residentes no interior do País, nas pequenas aldeias

empobrecidas. Ruy Belo escreve sobre a migração e a emigração portuguesa, que atingiu o seu ápice nas décadas de 50 e 60.

Sabemos bem que os portugueses são um povo historicamente viajante: o nacionalismo lusitano tem como pilares a expansão de Portugal através do mar e a colonização de territórios no continente americano e no continente africano, remetendo-nos ao aprisionamento do país nas imagens do passado. Além de serem narrativas instrumentalizadas como recurso doutrinário pelo Estado Novo, a imaginária grande pátria dos “heróis do mar” tinha também a função de ser um minimizador dos problemas desse país esvaziado pelo povo, que se lança novamente ao mar ou aos caminhos da terra, para reconstruir a vida longe das ruínas em que o país se encontrava. Nenhum passado vale o dia a dia, nenhuma história vale a dor de ver os comboios lotados.

Em outro poema do conjunto “Portugal sacro-profano”, “Vila Real”, Ruy Belo usa o mesmo tema para construir o primeiro verso: “Nas cidades pequenas transformadas pela ausência” (Belo 2013a, 32), comunicando-se intratextualmente com “Lugar onde”, que personifica os comboios. A temática migratória não se limita à série em questão, e podemos observá-la ainda nos seguintes versos de “Pequena história trágico-terrestre”:

tudo é tão desgraçado como ter nascido
amigos meus e de anto em portugal
país que só existe em pensamento
país morto no mar ou na memória
ou mesmo mais na história obras de aqueles
que só fora de cá o encontraram
que mulheres e terras povoaram

e que nunca mais voltaram porque eram portugueses

(Belo 2014a, 72)

Nos versos acima, o poeta deixa muito clara a sua revolta com a realidade, define Portugal como um “país morto no mar ou na memória” e sinaliza a emigração a partir do verso 185, “ou mesmo mais na história obras de aqueles”, por conta da qual os portugueses são levados a abandonar a sua terra, a que paradoxalmente “nunca mais voltaram porque eram portugueses”, povoando outros lugares, em busca de um país “que só fora de cá [...] encontraram”. Os dados da pesquisa de Víctor Pereira, historiador que atua especificamente na investigação sobre a emigração portuguesa durante o regime salazarista, mostra-nos o seguinte:

De 1957 a 1974, com a emigração de cerca de um milhão e meio de cidadãos, ou seja, 47% da população ativa em 1970 e 17% da população total, Portugal foi o único país da Europa Ocidental que, não sofrendo a fome nem a guerra, viu a sua população diminuir, no século XX. De 1960 a 1970, a população passa de 8.851.289 para 8.568.703 habitantes. (Pereira 2014, 13)

No poema, os comboios, no plural, aparentam ser gigantescos e até monstruosos, alimentam-se de pessoas (“e os homens dão-lhes boas digestões”) e “engolem povoados limpamente”, modo metafórico de dizer que os comboios são tão poderosos que são capazes de esvaziar por inteiro uma aldeia e de estar em vários locais de Portugal, pois “dividem-se nas várias direcções”. Mesmo sendo “mansos” (e observemos que o termo pode significar ‘lentos’, mas ainda ganhar um sentido mais negativo ao apontar para um voluntário desejo de passar despercebido), Ruy Belo sugere que os comboios são uma espécie de praga, um animal

destruidor da terra: “retalham os campos congregam-se” e “que mãe aperta ao peito os filhos ao ouvi-los?”³

Esse último verso dialoga com os dados levantados por Victor Pereira: os comboios se alimentam preferencialmente de portugueses em atividade, ou seja, jovens e adultos, os 47% da população ativa que se evadiu de Portugal, sobretudo famílias com pais jovens e crianças. Vemos que o verso apresenta duas idades em uma metonímica relação de mãe e filho: a mãe representando a idade avançada e, por isso, definitivamente submetida ao pouco que a terra e o casamento oferecem; e o filho, uma pessoa mais jovem, em plena atividade, obrigado, contudo, a sair do país em busca de oportunidades longe da miséria.

A emigração, que é consequência da miséria do povo, torna-se, por outro lado, uma denúncia explícita da falência do regime político. O alto número de emigrados registrado nos 15 anos que antecedem a Revolução dos Cravos demonstra a insatisfação da população com o País, bem como a desesperança em um Portugal com melhores condições de vida e de governo.

Damos atenção a “*cordeiros* de metal ou talvez *grilos*” (itálicos nossos). Temos em mente toda uma tradição bíblica presente na vida e obra de Ruy Belo⁴, com efeito, os animais parecem representar, respectivamente, o sacrifício e a praga. A imagem do “cordeio imolado” é muito central no catolicismo, pois simboliza todo o sofrimento de Jesus Cristo na sua paixão, o que transmite a mensagem do sacrifício pelo bem maior. Por sua vez, os grilos não

³ Esse verso é uma referência ao Canto IV d’*Os Lusíadas*: “E as mães, que o som terrível escutaram/Aos peitos os filhinhos apertaram” (IV, 28).

⁴Biograficamente, Ruy Belo teve uma sólida formação católica e também foi membro da Opus Dei durante dez anos. Publicou o seu primeiro livro, *Aquele Grande Rio Eufrates*, logo após deixar a prelazia. Em sua obra, o embate entre o homem e o divino se firma como um dos temas centrais.

ficam para trás. Se formos ao Velho Testamento, o Egito sofreu com a fúria de Deus em dez pragas, uma delas era a nuvem de gafanhotos. Os grilos (no plural) representam um movimento semelhante ao dos gafanhotos, portanto, um exame capaz de destruir a terra. Ressaltamos o som que os grilos fazem, que pode soar incomodativo se for escutado repetidamente; o mesmo acontece com o barulho dos comboios ao anunciar a partida dos portugueses. Assim, a construção do verso é uma alternativa entre esses dois simbolismos. Então, tanto pode ser um sacrifício quanto um castigo devastador, resultando ambos no prejuízo português de perder seus homens válidos para outros países do mundo.

Ao tirar o véu da propaganda ditatorial, trazer a emigração ao poema é uma forma de atacar politicamente o país que negligenciou o próprio chão e quem o habita. Afinal, o processo emigratório configurou uma resposta ao Estado Novo, que tentava esconder e negar tal realidade (Pereira 2010, 141). Como nos diz o historiador Victor Pereira, a emigração foi uma forma de votar com os pés.

Dessa forma, consciente da realidade que leva o português a emigrar – a ditadura, a fome, o atraso social e falta de oportunidade – Ruy Belo, ao comparar o comboio com um cordeiro, compreende o sacrifício pelo bem maior, a sobrevivência. No entanto, ao equipará-lo a um grilo, o poeta reconhece o prejuízo que para o País é gerado pelos comboios que engolem povoados e retalham os campos, um sentimento que pulsa entre o amor ao País, a preocupação com o futuro e a dor de ver um comboio ou um navio lotado de emigrantes.

Portugal perde, desse modo, a maior riqueza de um país: o seu povo, o próprio português. E o país se depara com o silêncio e a solidão, enfatizados nos versos subsequentes de “Lugar onde”:

Neste país do espaço raso de silêncio e solidão

solidão da vidraça solidão da chuva

país natal dos barcos e do mar do preto como cor profissional

dos templos onde a devoção se multiplica em luzes

Os quatro versos acima reforçam o vazio de Portugal ao perder seu povo, tornando-se num país “de silêncio e solidão”, onde nada acontece. Em “país natal dos barcos e do mar”, Belo caracteriza historicamente Portugal como o país dos barcos, isto é, de uma herança marítima. Em seguida, Belo sinaliza a cor preta como a “profissional dos templos”, referindo, à maneira de Cesário (“a nódoa negra e fúnebre do clero”), a presença de uma igreja castradora que tem grande influência em Portugal.

A cor preta está sempre relacionada com a escuridão e com o luto, tanto na religião católica, quanto na cultura ocidental em geral. Em ritos fúnebres, por exemplo, é cultural o uso do preto como forma de respeito ao(s) falecido(s), assim como, em aldeias portuguesas, era comum às mulheres viúvas usarem preto até os últimos dias de vida, simbolizando o luto perpétuo. A perda e o conseqüente sentimento de luto alimentam os valores religiosos através do desamparo, sentimento profissional dos portugueses, principalmente dos que sofreram ao ver familiares emigrarem em um comboio ou em um navio. Logo, Portugal fica sendo por extensão o país da cor preta, um país morto: “Tenho uma dor chamada portugal/país defunto talvez unto para nações vivas/portugal meu país de desistentes” (Belo 2014a, 70). Note-se que o país defunto é etimologicamente um país sem função (de+functus) que paradoxalmente, no jogo dos significantes do poema, passa a ser unto, isto é, gordura, capaz de acionar a economia das “nações vivas”.

O país defunto é também o “país do sino objecto inútil/ única coisa a mais sobre estes dias”. O sino tem várias significações, geralmente relacionadas com a tradição católica,

podendo até simbolizar a morte. De qualquer modo, o sino se sobressai como um indicador da passagem do tempo com as suas badaladas. Se Portugal está parado no tempo, o sino se torna um elemento “a mais” perfeitamente dispensável, porque ao marcar a passagem das horas só reafirma a inutilidade da sua função.

O tempo é um importante elemento na leitura dos poemas belianos, e isso pode ser confirmado nos versos seguintes: “Aqui é que eu coisa feita de dias única razão/vou polindo o poema sensação de segurança/com a saúde de um grito ao sol”. O poeta é ainda feito de tempo, isto é, um poema é o resultado de um processo de composição que demanda tempo. E é por via desse tempo que Ruy Belo explora a metalinguagem ao escrever sobre o processo de aperfeiçoamento do poema com a “saúde de um grito ao sol”, mostrando os efeitos dessa realidade no poeta, que afirma estar abatido (combalido) e trêmulo (tiritito).

Vejamos os 4 últimos versos: “após as sucessivas quebras de calor/antes da morte pequenina celular e muito pessoal/natural como descer da camioneta ao fim da rua/neste país sem olhos e sem boca”. Ruy Belo aponta a pequenina morte pessoal de um homem que está sendo corrompido aos poucos, cuja morte se vai acumulando ao ponto de ser tão “natural como descer da camioneta ao fim da rua”. Assim, a morte não é mais um evento, foi banalizada pelas sombras salazaristas “após as sucessivas quebras de calor”, ou seja, a falta de contato com o outro ou de empatia pelo outro, transformam gradativamente a alienada sociedade portuguesa dos anos 60 em um antro de frieza para os que morrem à margem dela.

“Lugar onde” apresenta três grandes momentos: a alienação, a emigração como um processo de abandono do miserável país, e a insatisfação sociopolítica. Aborda-se, por fim, a morte de Portugal como país e como sociedade, tornando-se um lugar vazio, silencioso e solitário, em síntese, um espaço de luto e de sombras.

Depois das sombras, a luz.

O PORTUGAL FUTURO

O portugal futuro é um país
aonde o puro pássaro é possível
e sobre o leito negro do asfalto da estrada
as profundas crianças desenharão a giz
esse peixe da infância que vem na enxurrada
e me parece que se chama sável

Mas desenhem elas o que desenharem

é essa a forma do meu país
e chamem elas o que lhe chamarem

portugal será e lá serei feliz

Poderá ser pequeno como este

ter a oeste o mar e a espanha a leste

tudo nele será novo desde os ramos à raiz

À sombra dos plátanos as crianças dançarão

e na avenida que houver à beira mar

pode o tempo mudar será verão

Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz

mas isso era o passado e podia ser duro

edificar sobre ele o portugal futuro

(Belo 2014a, 27)

Diferentemente de “Portugal sacro-profano”, “O portugal futuro” é um lugar *aonde*, advérbio que indica direção e lugar de destino. Assim, esse país futuro é o ponto de chegada, fruto da busca de Ruy Belo por um Portugal dos sonhos, país em que se encontra a liberdade. Isso já nos aparece no primeiro verso, “O portugal futuro é um país” (grifos nossos), e lembramos que o poeta usa a palavra “país” indicando um espaço livre da ideologia nacionalista tão pregada por Salazar e seus apoiadores.

Observemos com atenção a flexão do verbo “ser” ainda nesse verso: ele está no presente do indicativo. Sintaticamente, o verbo de ligação, no verso, une o sujeito ao predicativo “um país aonde o puro pássaro é possível”, construindo uma imagem do lugar dos sonhos. Dessa forma, por mais que seja imaginária, “O portugal futuro” não é abstrato pois foi predicado por meio de uma figura concreta, o pássaro. Assim, tal palavra, além de contribuir para a aliteração da oclusiva /p/, dá concretude ao conceito de *liberdade*, tornando-a imaginável.

Nos versos seguintes, o poeta descreve a criação desse dia diferente:

e sobre o leito negro do asfalto da estrada

as profundas crianças desenharão a giz

esse peixe da infância que vem na enxurrada

e me parece que se chama sável

Os versos acima parecem retomar essa noção de caminho desenvolvida nestas páginas. O “leito” é polissêmico, mas, considerando as palavras “peixe” e “enxurrada”, vemos que se trata do corpo de um rio, isto é, o trajeto que é feito pela água. Sendo assim, o leito está relacionado com a extensão da estrada na qual as crianças brincam.

A rua tomada por crianças é uma imagem muito relevante para se pensar na obra de Ruy Belo. De certa maneira, o leito também pode ser atrelado à passagem do tempo, por se tratar de um caminho que direciona a água em movimento constante. As crianças, então, desenham em cima da linha temporal. Neste caso, elas funcionam como mediadoras entre os tempos: são elas que trazem o peixe do passado ao presente através do desenho e, a partir disso, edificam um futuro. Por isso, a criança desenha um país futuro com a ciência dos fatos ocorridos no passado e no presente, mostrando a necessidade de conhecer a história para construir um novo país.

Isso traz à tona a importância da infância em Ruy Belo, pois “O Portugal futuro” é edificado pela memória afetiva que a imagem da criança traz consigo. O futuro se comunica ao passado e ao presente pelas brincadeiras de crianças representadas pelo desenho na rua e pela dança à sombra dos plátanos. Portanto, o protagonismo do poema recai sobre as crianças cuja representação está condicionada à pureza, à verdade e à transparência. Enfim, à luz.

Desse modo, o poeta deixa uma mensagem: a nova geração é responsável pelos rumos de um país. Tendo em vista a imagem infantil que Ruy Belo utiliza, podemos considerar que o poeta deposita uma certa esperança em dias melhores na figura da criança, o que remete para o sentimento de desistência em relação à sua realidade uma vez que o país futuro está nas mãos de uma geração posterior que ainda não está corrompida pela realidade, que ainda está por vir.

O giz, por sua vez, é usado para desenhar “esse peixe da infância que vem na enxurrada”. Além de ser um recurso muito usado nas brincadeiras infantis, o giz é um instrumento de desenho que dá contornos frágeis, ou seja, o peixe da infância e o novo país são delicados porque são também facilmente apagados. Nesse sentido, a infância presente no peixe edifica o “portugal futuro”, país que advém da fragilidade, da inocência e da pureza de um desenho infantil.

Ao chegar ao dia diferente, encontra-se um país tão mudado que o perímetro geográfico já não importa, como vemos:

Mas desenhem elas o que desenharem

é essa a forma do meu país

e chamem elas o que lhe chamarem

portugal será e lá serei feliz

Poderá ser pequeno como este

ter a oeste o mar e a espanha a leste

O poeta deposita uma confiança tão evidente na pureza do trabalho dessas crianças que resulta numa total despreocupação com a forma do país, pode tanto manter os mesmos limites quanto mudar totalmente. O importante é justamente o país ser edificado pela criança, ato que proporciona a plenitude uma vez que a edificação do país é a utopia, o lugar que não há (etimologia) mas que poderá haver: “portugal será e lá serei feliz”. Com a volta dos que foram e com a imaginação da criança, esse país imaginário constitui-se de mudanças dos ramos à raiz.

No prefácio à segunda edição de *Homem de palavra[s]*, Ruy Belo indica que essa despreocupação com a forma e o tamanho do novo país é fruto de um processo de descolonização (Belo 1978, 22). A história pode auxiliar na exposição dessa afirmativa sobre “O português futuro”. Na análise que fizemos do poema “Lugar onde”, apontamos para a alienação da sociedade portuguesa através de recursos radiofônicos sustentados pelo Estado Novo. A propaganda salazarista insistia em afirmar que Portugal não era um país pequeno, pois tinha as colônias em África que expandiam o território lusitano para além da Europa. Vale lembrar que, no ano de publicação do poema, o País já se desgastava com a Guerra Colonial, fato determinante para a Revolução dos Cravos anos depois.

Com efeito, a extensão territorial do “império” era tópico importante para manter a propaganda de um Portugal grandioso. Dessa forma, Ruy Belo, ao apontar que a extensão geográfica não importa, e que o país futuro “pode ser pequeno como este”, vai contra a alienação proporcionada pelo Estado Novo, enfatizando que Portugal é um país pequeno e sem territórios fora da Europa. Logo, “O português futuro” é um país descolonizado de si mesmo, da sua própria história, deixando para trás toda a saga de conquistas, colonizações e navegações dos heróis do mar.

Isso se prova no verso seguinte: “tudo nele será novo desde os ramos à raiz”. Certamente, trata-se de um dos versos mais importantes, senão o mais importante, de todo o poema. O verso deixa bem claro o desejo de mudanças radicais em Portugal, de modo que a transformação não seja apenas nos ramos (aparente), mas que também seja capaz de alterar radicalmente a história (a raiz). Por serem dos ramos à raiz, as mudanças são obrigatoriamente internas, fruto de reflexões acerca de elementos fundamentais da história e da cultura portuguesa. Com isso, o desejo do poeta rompe com a sua própria realidade e procura atribuir um novo rumo ao País. No entanto, mesmo buscando uma nova história, o

poeta ainda se comunica com a tradição literária portuguesa, como se nota nos versos subsequentes:

À sombra dos plátanos as crianças dançarão
e na avenida que houver à beira mar
pode o tempo mudar será verão

Sofia de Sousa Silva observa que os versos acima remetem às cantigas galego-portuguesas, momento iniciático da literatura portuguesa: as crianças que dançam sob as árvores podem bem vir de uma cantiga medieval, onde três amigas bailam “so aquestas avelaneiras frolidas” (Silva 2012, 124). É pertinente que as cantigas galego-portuguesas apareçam após o poema indicar mudanças dos ramos à raiz, pois indica a revisitação das origens, como se o país realmente nascesse novamente.

Torna-se necessário chegar às origens para edificar um futuro, isto é, voltar à gênese do país e do ser humano — a criança — para reconstruir a história de Portugal e possibilitar um país onde “o puro pássaro é possível”. Assim, o tempo mudará e será verão. Logo, a luz reinará. Em “O português futuro”, notamos um país a ser construído pelo conhecimento, distante das sombras. O poema simboliza, por fim, a liberdade. Com efeito, ao romper com a escuridão da história, o verão significa a renovação, um dia diferente em que a alegria e a felicidade sejam predominantes, totalmente contrário ao tempo visto em “Lugar onde”. Portugal, enfim, se encontraria livre nesse país imaginário.

Por um sonho, fazemos sacrifícios. Assim aparece nos últimos versos:

Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz
mas isso era o passado e podia ser duro
edificar sobre ele o português futuro

No percurso da poesia beliana, especialmente desde *Boca Bilíngue*, a relação com a Igreja se demonstra muito estremeada e, por muitas vezes, magoada. O poeta tece em seus versos claras críticas à Igreja sempre utilizada como instrumento político para manter e para justificar as abusivas relações de poder.

Nos versos, o passado está ligado à matriz⁵ que marca a passagem do tempo. O verso “Gostaria de ouvir as horas do relógio da matriz” aparenta ser uma alusão histórica aos tempos inquisitoriais. Por conta disso, lembramos do poema de Cesário Verde:

E eu desconfio, até, de um aneurisma
Tão mórbido me sinto, ao acender das luzes;
À vista das prisões, da velha Sé, das Cruzes,
Chora-me o coração que se enche e que se abisma.

A espaços, iluminam-se os andares,
E as tascas, os cafés, as tendas, os estancos
Alastram em lençol os seus reflexos brancos;
E a Lua lembra o circo e os jogos malabares.

Duas igrejas, num saudoso largo,
Lançam a nódoa negra e fúnebre do clero:
Nelas esfumo um ermo inquisidor severo,
Assim que pela História eu me aventuro e alargo.

(Verde 2005, 87)

⁵ Nesta leitura, “matriz” faz referência à Igreja matriz.

No passeio por Lisboa, Cesário Verde viaja no tempo. Ao adentrar a escuridão da “noite fechada”, o poeta depara-se com as perturbadoras imagens da Inquisição, período em que a Igreja Católica perseguia, julgava e eliminava brutalmente aqueles considerados hereges. As imagens das prisões, da velha Sé, das cruzes e do inquisidor severo, por exemplo, deixam o poeta abismado com a tamanha violência que assinala a história ocidental. Sobretudo, essas imagens reconstituem os eventos que se passaram em Lisboa, tornando-se parte da raiz que Ruy Belo tanto quer mudar.

Observe-se que a Inquisição se encontra na segunda parte do “Sentimento dum Ocidental”, a “noite fechada”. Assim, tal período encontra-se oculto nas ruas de Lisboa, pertencente às sombras que envolvem a história trágica da repressão em Portugal. Cesário Verde chega à Inquisição por haver vestígios na paisagem urbana que fazem parte desse tempo, sendo estas as memórias da triste cidade. E a matriz representa isso. A igreja do poema de Ruy Belo não só está diretamente ligada à decepção religiosa, mas está vinculada a todas essas imagens postas por Cesário Verde, aos vestígios de uma instituição que controlou os dias no Ocidente e ainda pesa no tempo da escrita do poema.

Nos estudos de Fernando Rosas, são apontados cinco fatores para a durabilidade do regime salazarista, respectivamente, a violência da repressão política, controle das Forças Armadas, a cumplicidade política e ideológica da Igreja Católica⁶, o corporativismo e, por fim, o investimento totalitário no “homem novo” salazarista. Sobre a Igreja,

após a institucionalização do Estado Novo, em 1933, e apesar da nova Constituição consagrar inicialmente o caráter laico do Estado e o regime de separação deste com a igreja, se inicia um processo – com consagração constitucional – de progressiva

⁶ Não nos esqueçamos que nem todos os integrantes da Igreja eram apoiadores do regime, dentro da hierarquia eclesiástica havia oposição ao autoritarismo.

confessionalização do Estado e, simultaneamente, de crescente integração da Igreja católica nos propósitos ideológicos do novo regime. Uma «união moral» entre ambos com o fito comum de «recristanizar» a nação, uni-la e integrá-la a uma «nova ordem» e, dessa forma, estabilizar mais o seu Chefe, como obra e instrumento da providência divina. (Rosas 2014, 257)

Ao voltarmos a ler esses três versos, o tempo é demarcado pela igreja, isto é, o instrumento que marca as horas está sob a posse da entidade religiosa, metaforicamente, como forma de demonstrar toda a sua influência sobre o tempo presente (“relógio da matriz”). Nesse sentido, falamos de um Portugal imerso numa visão conservadora e retrógrada de mundo, assim como Cesário viu ao viajar pelas ruas da cidade. Quando o poeta afirma, então, as mudanças na raiz, ele se dirige à história política e ao modo como ela se apropriou da cultura e da tradição portuguesa (e isso inclui a religiosidade) para justificar e fundamentar os abusos de poder. Nesse tempo do verão e de dias luminosos de sol, Portugal está, de certo, livre e afastado dessas memórias da triste cidade.

Com efeito, essa procura pelo “lugar *aonde*” enfatiza o compromisso ético de Ruy Belo com o seu país, configurando-se como um poeta muito consciente “da inquietude e da fragilidade da existência cotidiana, mostra bem a importância que o poeta atribui ao ato de escrita como enfrentamento da angústia gerada pela incompletude e catástrofe que marca nossa humanidade” (Alves 2006, 141). O seu ofício se direciona para dar a Portugal uma nova história e um novo rumo, livre da ideologia de um regime ditatorial que alienou e humilhou o seu povo. Ruy Belo se dá o direito de sonhar.

De fato, edificar, sobre o passado sombrio e o presente obscuro, um país futuro onde a luz do verão se torne predominante, é desafiador. Ainda mais porque esses tempos estão condicionados à memória reacionária diante da qual Ruy Belo se define como um vencido no

poema “Nós os vencidos do catolicismo”. Para tanto, é preciso renunciar ao passado, e também ao presente dilacerado, como uma condição de um futuro renovado (Belo 1978, 22).

Os últimos versos apontam, portanto, para o sacrifício da história. O “gostaria de ouvir” revela um desejo ingênuo que é logo suprimido pelo bem maior, um país justo e livre para todos. Nesse novo país, é possível talvez encontrar a felicidade. Nele, ao contrário do angustiante cenário de evasão do Portugal salazarista, o sonho se caracteriza por ser o ambiente do reencontro e da chegada. Tudo isto desenhado delicadamente a giz pelas mãos das crianças.

O país dos sonhos é construído através da pureza e da verdade que a imagem da criança evoca. Com efeito, objetiva-se não só a criação de um novo lugar e de uma nova história, mas também o ingresso no universo lúdico da criança, sendo isto a verdadeira origem da felicidade e da liberdade. O dia diferente só existe por conta da imaginação, logo, Ruy Belo se “aventura na linguagem”⁷ (Belo 1972, 22) para atingir também a infância na qual “tudo [é] possível, é só querer” (Belo 2014b, 101).

Considerações finais

Ruy Belo faleceu em agosto de 1978, deixando uma esposa, três filhos e uma obra poética que, em muitos casos, parece ser uma procura frequente pela liberdade. Isso se comprova com a assídua repetição de elementos como o pássaro, a infância e a criança no decorrer da sua poética, figuras que estiveram presentes em “O Portugal futuro”, cujos versos retratam um processo de libertação. Neste trabalho, demos atenção especial à importância de

⁷ No prefácio à segunda edição de *Aquele Grande Rio Eufrates*, Ruy Belo define poesia como “uma aventura na linguagem, por muito que os significantes possam significar” (Belo 1972, 22).

Portugal para o poeta que parte em busca de um futuro renovado a partir da extrema indignação com a realidade sociopolítica que tanto o sufocava.

É importante reiterar que o país futuro é uma utopia restrita ao texto, isto é, um país que não existe no mundo real e ganha corpo somente no plano imaginário para o qual a literatura é o instrumento de acesso. Para Ruy Belo, portanto, a literatura vai muito além do cotidiano e serve como porta para um mundo de sonhos e de liberdade, iluminado pelo verão. Em suas palavras, “quando um artista recorre à sua disponibilidade e a põe em exercício, essa palavra [poética] cria uma realidade diferente da realidade. A arte transfigura a vida” (Belo 1984, 80).

O trabalho com a palavra poética é, em Ruy Belo, a fonte de permanecer em vida. Como diz a última estrofe do poema “Tristeza branda”, de *Homem de palavra[s]*:

Mas agora que cantei da tristeza
não observo já os mais leves traços
e a minha maneira de me matar
é deixar cair ambos os braços

(Belo 2014b, 61)

O alento de estar vivo reside na escrita, no canto. Podemos observar que o cantar a tristeza é uma forma de libertação, mesmo que temporária, desse sentimento. Sendo assim, uma forma de morte é estar impossibilitado de escrever. A própria ação de escrever, para Ruy Belo, configura um caminho para a liberdade. Assim ocorre em “O português futuro”, a edificação de um sonho por meio do texto, o que ressalta a literatura beliana como um espaço da libertação e da mudança.

A sua poesia é definida como uma “aventura na linguagem”, tratando-se de uma procura por aquilo que não se tem. Além disso, a própria ideia de aventura também pressupõe a liberdade, de tal modo que a poesia é a maneira de transgredir a realidade e de enfrentar o presente (Prigent 2017, 22) ao transpassar a dor que deveras sente para a escrita. Nesse sentido, o poema “Lugar onde”, assim como outros emblemáticos como “Morte ao meio-dia”, tem um espaço fundamental no discurso da poesia beliana e no caminho que há de ser feito para chegar às luzes do verão, pois eles também representam uma forma de se libertar da dor que os versos carregam.

No país da imaginação, a história é recriada com os valores éticos que permeiam a literatura beliana. Principalmente, sabe-se que, para Portugal seguir em frente, tem de abrir mão de uma história gloriosa que funcionou como “máscara” para a sua própria decadência. Libertar-se dessa história é abdicar de toda a narrativa que envolve navegações, conquistas, impérios, alienação e, principalmente, a ditadura. E a história também se torna livre desses discursos.

Nesse sentido, a poesia de Ruy Belo se configura como um terreno fértil para a metamorfose e para a discussão sobre problemáticas que atravessam não só o cotidiano, mas a existência humana. Por excelência, a poesia de Ruy Belo é a própria mudança (Belo 2014b, 78).

Habitante de um país cujo luto é a “cor profissional”, Ruy Belo põe em evidência Portugal como uma fonte de reflexão e, por amar o País, busca um lugar onde a liberdade se tornará concreta. Um país, por fim, de luz. O *país futuro* é a representação de um sonho que está sempre à frente, isto é, sempre teremos de caminhar para o alcançar, cabendo sempre às novas gerações (as crianças) a responsabilidade de desenhar um projeto de país que jamais

sucumba novamente às sombras e que seja perpetuamente iluminado pelo verão e pela liberdade, enfim, onde “o puro pássaro é possível”.

Bibliografia

- Alves, Ida Ferreira. 2006. “Fugitivo da catástrofe: a escrita poética de Ruy Belo”. In: Duarte, Lélia Parreira (org.). *As máscaras de Perséfone: figurações da morte nas literaturas portuguesa e brasileira contemporânea* Rio de Janeiro: Bruxedo; Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 136-150.
- Belo, Ruy. 2014a. *País possível*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- 2014b. *Homem de palavra[s]*. Rio de Janeiro 7 Letras.
- 2013a. *Boca Bilíngue*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- 2013b. *Aquele Grande Rio Eufrates*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
1978. “De como um poeta acha não se haver desencontrado com a publicação deste livro”. In: ---. 2014. *Homem de palavra[s]*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
1972. “Explicação que o autor houve por indispensável antepor a esta segunda edição”. In: ---. 2013. *Aquele grande rio Eufrates*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
1984. *Na senda da poesia*. Lisboa: Editorial Presença.
- Gusmão, Manuel. 2010. “Aprender poesia com Ruy Belo” In: *Tatuagem & palimpsesto: da poesia em alguns poetas e poemas*. Lisboa: Assírio & Alvim, 449-469.
- Magalhães, Joaquim Manuel. 1981. “Ruy Belo” In: *Os dois crepúsculos: sobre poesia actual e outras crónicas*. Lisboa: A regra do jogo, 145-163.
- Pereira, Victor. 2010. “Do povo à comunidade: os emigrantes no imaginário português” In: Neves, José (org.). *Como se faz um povo: ensaios de História contemporânea de Portugal*. Lisboa: Tinta da China, 2010, 139-153.

Pessin, Lucas Pereira. 2022. “Portugal fica em frente”: Ruy Belo em busca de um novo dia.

Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.

Monografia de Conclusão de Curso.

Prigent, Christian. 2017. *Para que poetas ainda?* Trad. Inês Oseki-Dépré e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie.

Rosas, Fernando. 2008. “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo nos anos 30 e 40”. In: Torgal, Luís Reis; Paulo, Heloísa. *Estados autoritários e totalitários e suas representações*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 31-48.

2014. *Salazar e o poder: a arte de saber durar*. Lisboa: Tinta da China.

Silva, Sofia de Sousa. 2012. “Ruy Belo: harmonia de forças opostas”. *Revista FronteiraZ*, n. 9, 118-126. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/ejemplar/441455>. Acesso em 02 de dezembro de 2021.

Verde, Cesário. 2005. *Poemas de Cesário Verde*. Seleção e organização de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Global.